

REGUENGOS DE MONSARAZ: O ANTIGO POVOAMENTO DA HERDADE DO ESPORÃO (*)

Victor S. GONÇALVES ()**

Manuel CALADO (*)**

Leonor ROCHA (**)**

RESUMO

Os autores apresentam os primeiros resultados das prospecções em curso em Reguengos de Monsaraz (Alentejo, Portugal).

A partir da Torre do Esporão, centro histórico do povoamento a Norte do Degebe, foram efectuadas saídas que ultrapassaram um círculo com o raio de 5Km.

(*) e das áreas conexas, num raio de 5Km da torre medieval.

(**) Director da UNIARQ. Unidade de Arqueologia. Centro de Arqueologia e História. Faculdade de Letras. P - 1699 Lisboa Codex.

(***) Investigador da UNIARQ.

(****) Colaboradora da UNIARQ.

Povoados do Neolítico «final» e do Calcolítico, sítios da Idade do Bronze, da Idade do Ferro, lugares traduzindo a ocupação romana e a Idade Média, são listados e brevemente comentados. As antas identificadas, não sendo outras que as inventariadas por Georg e Vera Leisner, não são normalmente referidas no texto.

Este é o primeiro trabalho de uma série que abrangerá outras áreas do concelho de Reguengos de Monsaraz e limítrofes.

RESUMÉ

Les auteurs proposent une première liste de monuments et sites, du Néolithique au Moyen Âge, de Reguengos de Monsaraz (Alentejo, Portugal).

Ce repertoire a été établi a partir d'un site central de l'occupation du Moyen Âge, le donjon de Esporão (*Torre do Esporão*), la plus ancienne «Défense» de l'Alentejo.

Les monuments et sites présentés dans le texte fournissent une nouvelle vue d' une région presque mythique pour le mégalithisme du Portugal.

INTRODUÇÃO

Na sequência dos trabalhos desenvolvidos nos últimos anos por um dos signatários (VSG) na área de Reguengos de Monsaraz, foi no Outono de 1989 levada a cabo uma primeira campanha de prospecções arqueológicas, abrangendo toda a área da Herdade do Esporão. Considerada a irregularidade dos limites desta propriedade, incluiu-se no inventário o resultado de diversas incursões para Norte e Este, dentro dos limites de um círculo com 5 Km de raio centrado na Torre do Esporão.

Teoricamente, este campo de prospecção apenas corresponderia a uma provável área de exploração primária dos habitantes de TESP3, o sítio 3 da Torre do Esporão, portanto do que é hábito designar por «Neolítico final» e «Calcolítico inicial», sendo, portanto, desprovida de qualquer sentido para períodos anteriores ou posteriores. Desta forma, e com estas precauções, deve ser entendida. Os sítios listados serão, posteriormente, integrados em leituras diacrónicas diferenciadas, dentro do conjunto dos sítios que existiram no actual Concelho de Reguengos de Monsaraz.

Com efeito, como foi recentemente demonstrado para o megalitismo (GONÇALVES, 1992), o Concelho de Reguengos de Monsaraz corresponde a uma realidade cultural com fundamentos geológicos, geo-morfológicos e pedológicos (*ibid.*: Mapas 3, 4 e 5), mas é indispensável situar os focos centrais do seu povoamento nas diversas fases do processo histórico para compreender como se reconstróem os territórios e se redefinem as relações entre os Homens e o espaço que ocupam.

Os trabalhos de campo tiveram o apoio logístico da empresa proprietária do Esporão, a FINAGRA, que, nos últimos anos, aí tem desenvolvido um considerável trabalho de reestruturação agro-industrial, agora quase exclusivamente no domínio da viti-vinicultura. Beneficiaram também dos trabalhos de levantamento da carta arqueológica, no âmbito do programa apoiado pela OID/NA.

A Herdade do Esporão é testemunho de uma continuidade notável no modo de ocupação do espaço desde, pelo menos, o séc. XIII (época a partir da qual se conhecem referências documentais sobre a existência da Herdade, com limites idênticos aos actuais). Este inventário de sítios mostra, aparentemente, que essa unidade é artificial e deriva da constituição, na Idade Média, de uma «Defesa» cuja importância deriva também da necessidade de prevenir os ataques castelhanos a Évora. O conservadorismo alentejano na preservação da propriedade rural (que, em muitos casos, remonta à própria ocupação romana) explica a sobrevivência desta unidade, a que não será estranho o relativo isolamento de Reguengos de Monsaraz, praticamente na periferia dos grandes caminhos e vias de troca do Alentejo.

CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A área de que trata este estudo pode dividir-se em duas zonas, com características topográficas, geológicas e pedológicas bem diferenciadas, implicando naturalmente condições ambientais diversas, cuja tradução em termos arqueológicos procurámos caracterizar.

A zona que acompanha o curso do Rio Degebe, e que constitui toda a parte meridional e ocidental das terras do Esporão, apresenta-se extremamente dobrada, com declives muito acentuados, chegando a atingir os 40 %. O Degebe, que delimita a Herdade e o concelho de Reguengos a SW, descreve um percurso bastante sinuoso, com o leito profundamente encaixado entre penhascos.

Em contrapartida, a zona NE do Esporão apresenta um relevo bastante aplanado e constitui a extremidade ocidental da peneplanície de Reguengos, famosa a nível europeu pela extraordinária densidade e variedade de monumentos megalíticos.

Os aspectos morfológicos que descrevemos são directamente relacionáveis com os diferentes substractos geológicos da região: rochas eruptivas (granodioritos, microquartzodioritos e uma pequena mancha constituída por um filão de pórfiro) e rochas metamórficas (xistos, micaxistos, metavulcanitos e corneanas). O primeiro grupo originou áreas de modelado suave, com solos arenosos, aptos para a agricultura (classes B e C), enquanto no segundo encontramos geralmente um relevo vigoroso, com solos agricolamente difíceis (classes D e E).

Em termos de transitabilidade natural, o balanço é manifestamente favorável à zona NE da nossa área de estudo, embora o rio Degebe deva ser considerado, em termos regionais, uma via de penetração longitudinalmente significativa. Perto da Torre do Esporão passa, de facto, a linha de fecho que separa a bacia do Degebe da bacia da ribeira do Álamo; esta faixa constitui, sem dúvida, um caminho natural privilegiado, com provável incidência nas estratégias de implantação do povoamento de várias épocas.

A mancha megalítica de Reguengos apresenta-se, por outro lado, axialmente centrada ao longo da Ribeira do Álamo (GONÇALVES, 1992: 116-120), constituindo esta uma ligação eficaz entre a região e o Guadiana. Note-se que tanto o fecho que referimos como a ribeira do Álamo coincidem, grosso modo, com o percurso de estradas actuais, respectivamente a estrada Reguengos-Mourão e Reguengos-S. Marcos do Campo.

METODOLOGIA DE PESQUISA

A estratégia que seguimos nos trabalhos de prospecção procurou adequar-se às limitações de tempo e recursos humanos, bem assim como às condições do terreno. Nas áreas xistosas, junto ao Degebe, batemos sistematicamente os cabeços, as linhas de cumeada, as rechãs e os vales na base das vertentes. Evitámos, na generalidade, prospectar as vertentes mais íngremes, considerando a sua óbvia inadequação, em qualquer época, para a instalação de grupos humanos.

A área NE, bastante mais indiferenciada em termos paisagísticos, foi batida seguindo uma malha larga (com intervalos de cerca de 100 m), tarefa que foi

facilitada pelo facto de, em grande parte, ser a área ocupada pela vinha, portanto com uma útil «quadrícula» de referência já implantada.

Preocupámo-nos ainda com a localização na CMP 1:25000 e a verificação do estado de conservação actual dos monumentos megalíticos inventariados na área referida (LEISNER e LEISNER, 1951).

PRÉ-HISTÓRIA

O povoamento pré-histórico do Esporão veio revelar uma clara dicotomia na ocupação do espaço, já suspeitada através da análise da dispersão dos monumentos megalíticos a nível regional.

Na zona xistosa, a SW, não detectámos quaisquer vestígios de ocupação pré-histórica, à excepção de escassos e pouco característicos fragmentos cerâmicos, sem bordo, nas imediações da rocha do Bugio, grande penhasco de xisto na margem direita do Degebe.

A paisagem megalítica típica que se desenvolve imediatamente a NE da Cerca do Esporão revelou-se, pelo contrário, bastante rica em vestígios de habitat, numa área em que, por outro lado, se regista uma extraordinária densidade de monumentos megalíticos (atingindo os 10 por Km²). Assinale-se, como aspecto cujo significado importa averiguar, a dispersão por toda esta área de seixos de quartzito talhados e de restos de talhe que, além disso, são abundantes nos povoados mais antigos identificados nesta área, nomeadamente no povoado dos Gorginos, atribuível ao Neolítico médio. Todos os locais de habitat identificados correspondem a sítios abertos, perto de linhas de água e com uma imagem de superfície caracteristicamente fluida, devida à fraca concentração de materiais. A relação entre estes povoados e as necrópoles megalíticas conhecidas parece apresentar uma razoável consistência, sobretudo no que respeita ao do Monte Branco 3 e ao dos Gorginos, ambos enquadrados por arcos de círculo formados por antas no espaço imediatamente a montante.

Não é impossível que também em volta do povoado da Torre do Esporão se verificasse uma situação semelhante, restando actualmente apenas uma pequena parte dos monumentos megalíticos. Nos primeiros inventários do megalitismo de Reguengos (LEISNER e LEISNER, 1951), e com base em informações prestadas por Pires Gonçalves, refere-se que muitos monumentos tinham já desaparecido quando os arqueólogos alemães estudaram a região.

PROTO-HISTÓRIA

Se a Idade do Bronze está escassamente representada (por um sítio de habitat, *TESP2*, e uma necrópole, *Cebolinhos 7*), sítios como *Monte Novo 2* e o *Castelo Velho do Degebe* traduzem a diversidade dos módulos de ocupação do espaço próprios à Idade do Ferro.

æ as pequenas dimensões de *Monte Novo 2*, contrapõe-se o gigantismo (relativo) da área ocupada pelo *Castelo Velho do Degebe*, cuja fortificação protegeria um numeroso número de habitantes.

A total (e impune!!) destruição, por uma empresa de celulose, do *Castelo Velho do Degebe* impede-nos uma leitura minimamente significativa da sua duração cronológica e da sua caracterização cultural. Esperemos que o impressionante espólio recolhido pela equipa do IPPC que então procedia ao levantamento arqueológico da futura área de enchimento da Barragem do Alqueva venha um dia a ser publicado, pelo menos como amostragem do que realmente existiu naquele sítio. E que da sua morte violenta se esqueça que o crime, em Portugal, compensa...

OCUPAÇÃO ROMANA E MEDIEVAL

Uma série relativamente grande de sítios revelou materiais que poderiam, inconclusivamente, atribuir-se quer ao período da ocupação romana quer à Idade Média.

Todos eles são lugares pobres, traduzindo um povoamento rural disperso.

Aos romanos pouco interessava, salvo por razões militares, solos de baixa capacidade agrícola e os medievais que neles se instalavam deveriam praticar uma pequena agricultura de subsistência e, sobretudo, o pastoreio.

São assim restos de estruturas precárias o que sobreviveu e só escavações arqueológicas poderiam revelar plantas e as técnicas de construção nelas usadas. Por vezes, a presença de telhas indica que nos encontramos perante restos de habitações que ultrapassavam os limites da simples cabana coberta a colmo ou caniçada, mas raras conclusões são possíveis para além da distribuição geográfica deste tipo de arqueossítio.

Uma ressalva deve, no entanto, ser feita para *Mancebos 2*, uma provável *villa* romana, cuja densidade e diversidade de materiais tipifica uma outra situação.

LISTA DE MONUMENTOS E SÍTIOS

1. Torre do Esporão (m=250.8.0; p=158.3.5). 4 núcleos de povoamento identificados:

TORRE DO ESPORÃO: a Torre, ainda hoje existente com um perfil reconhecível, apesar dos acrescentos e alterações recentes, constituía o núcleo duro da «Defesa» medieval do Esporão. Pelas suas dimensões, domina a paisagem de uma forma eficaz, mas a reduzida volumetria utilizável mostra que não deveria albergar mais de um escasso número de pessoas.

A Torre, como as escavações de um nós (VSG) demonstraram, assenta sobre um povoado do Neolítico final ou mesmo do Calcolítico, tendo sido recolhidos pratos de bordo espessado internamente numa sondagem feita junto à parede Oeste. Este povoado seria ou o mesmo ou o prolongamento no tempo de TESP3.

Em torno à Torre, sondagens e escavações revelaram 3 núcleos de estruturas de épocas diversas:

TESP1: as sondagens, localizadas entre os edifícios agregados em época recente à Torre e o Canil, evidenciaram construções habitacionais, com áreas pavimentadas a xisto, cujo momento de abandono foi, pelas cerâmicas recolhidas, datado do séc. XVIII. No entanto, não é impossível que uma área de ocupação mais antiga tivesse aqui existido.

TESP2: na face menor de uma extensa fossa, feita ao que parece com a intenção de construir uma piscina, localizada nas actuais traseiras da Torre, entre esta e o olival, identificámos várias fossas de lixeira.

As fossas mais antigas são calcolíticas, mas identificaram-se algumas com materiais do Bronze final, outras com materiais da Idade do Ferro e até uma com material de construção provavelmente romano. Curiosamente, e apesar de escassos metros separar esta área da Torre, não foram recolhidos materiais arqueológicos claramente medievais.

TESP3: povoado do Neolítico final e do Calcolítico, notável pela grande presença de taças carenadas, mas também de pratos de bordo espessado, escavado recentemente por um de nós (GONÇALVES, 1990-91; GONÇALVES, 1991). Localiza-se num olival anexo à Torre, sobre a estreita auréola de metamorfismo de contacto (corneanas) que separa a mancha de granodioritos de Reguengos das rochas encaixantes (xistos e micaxistos). O terreno é bastante plano, com uma leve inclinação para SW.

2. Monte Arriba (m=251.9.0; p=158.3.5).

Achados dispersos, incluindo seixos talhados de quartzito e um talão de machado de anfibolito. Área plana, sobre o festo Álamo-Degebe. Solos arenosos com afloramentos de granodioritos.

3. Vale Castelo (m=250.9.0; p=159.3.0).

Povoado pré-histórico (Neolítico final?), implantado numa área relativamente plana, pontuada por grandes afloramentos de granodioritos. Localiza-se nas proximidades do festo Álamo-Degebe.

4. Monte Novo I (m=252.9.0; p=158.6.0).

Povoado do Neolítico final, aberto, com cerca de 400 m de diâmetro e com vestígios muito

dispersos (machados de anfíbolito, ponta de seta, utensílios e restos de talhe de sílex e cerâmicas). Vertente pouco declivosa, inclinada para NE, com solos arenosos onde afloram granodioritos.

5. Monte Novo 2 (m=252.80; p=158.4.0)

Área muito plana, com cerca de 50 m de diâmetro, com materiais cerâmicos da Idade do Ferro e alguns percutores. Localiza-se junto à margem esquerda de um dos afluentes da Ribeira do Álamo. Solos arenosos, entre afloramentos de granodioritos.

6. Monte Novo 3 (253.1.0; p=159.3.0).

Povoado do Neolítico (final?), implantado numa plataforma definida por grandes afloramentos de granodioritos. Solos arenosos.

7. Monte do Esporão (m=251.0.0; p=157.0.0).

Achados isolados (seixos talhados de quartzito). Área aplanada, correspondente ao festo Álamo-Degebe, sobre o anel de corneanas que envolve os granodioritos. Os solos são de boa qualidade (complexo A-B), de matriz menos arenosa que os solos relacionados com as rochas granitoides.

8. Horta do Palha (m=253.5.0; p=156.6.0).

Habitat pré-histórico escassamente representado: cerâmicas, percutores, seixos talhados de quartzito e fragmento de instrumento de pedra polida de anfíbolito. Área pouco declivosa com solos arenosos e grandes afloramentos de granodioritos.

9. Monte da Rusga 1 (m=250.8.5; p=156.3.0).

Vestígios de ocupação romano-medieval, com abundantes cerâmicas de construção (*lateres*) e escassos materiais pré-históricos (seixos talhados de quartzito e um instrumento de pedra polida). Os materiais foram recolhidos numa vertente em cujo topo se encontram amontoados grandes blocos de pedra resultantes de despedrega nas imediações. O terreno é relativamente declivoso e o substrato rochoso é constituído por uma mancha de microquartzodioritos, com solos de classe B.

10. Cabanas do Esporão 1 (m=250.0.5; p=155.9.0).

Habitat romano-medieval com escassas cerâmicas de construção (*tegulae*, *imbrices* e *lateres*) e cerâmica comum. Localiza-se num cabeço de vertentes declivosas, nas proximidades da Ribeira da Caridade. Os solos são agricolamente pobres (classes D e E), relacionados com a geologia da área em que o sítio se implanta, constituída por xistos do complexo de S. Marcos do Campo.

11. Monte da Rusga 2 (m=250.9.0; p=155.6.0).

Habitat romano-medieval, com cerâmicas de construção e cerâmica comum. Abundantes despedregas, denunciando restos de possíveis estruturas. O sítio implanta-se numa área de solos de classe B, relacionados com uma pequena mancha de microquartzodioritos.

12. Cabanas do Esporão 2 (m=250.0.5; p=155.3.5).

Fragmentos de cerâmica de construção, *dolia* e cerâmica comum, dispersos numa área limitada, sobre os terrenos muito dobrados, de substrato xistoso, com solos sem aptidão agrícola.

13. Monte da Rusga 3 (m=250.5.0; p=155.1.0).

Habitat romano-medieval com uma relativa abundância de materiais de superfície (cerâmicas comuns e de construção). A dispersão dos materiais abrange toda a crista de um esporão com vertentes muito inclinadas; o substrato é xistoso e os solos sem aptidão agrícola.

14. Cabanas do Esporão 3 (m=250.0.0; p=154.9.0).

Vestígios de habitat muito próximos dos anteriores, com cerâmicas de construção e comuns, atribuíveis ao período Romano ou Medieval. Localiza-se num esporão na margem direita da ribeira da Caridade. Os solos são esqueléticos, relacionados com o substrato geológico, constituído por xistos.

15. Monte da Rusga 4 (m=250.4.5; p=154.5.5).

Vestígios de habitat romano-medieval. Solos sem vocação agrícola, actualmente cobertos de esteva e vertentes com declives da ordem dos 40 %. O substrato é igualmente xistoso.

16. Lobato (m=248.7.0; p=154.7.0)

Vestígios escassos de habitat romano-medieval. Observam-se, também, restos de uma estrutura em pedra seca de época indeterminada. O local é uma crista com afloramentos rochosos (micaxistos), rodeado por solos impróprios para a agricultura (classe E).

17. Castelo Velho do Degebe (m=247.1.0; p=155.5.0).

Povoado fortificado da Idade do Ferro, com vestígios de romanização. Apesar de muito destruído por trabalhos recentes de florestação com espécies de crescimento rápido (eucalipto), são ainda visíveis, em alguns pontos, os taludes que ocultam os restos do sistema defensivo. O povoado implanta-se sobre um esporão rochoso, alcantilado, sobre o rio Degebe. A área envolvente é muito pobre do ponto de vista agrícola (classe E) e o substrato geológico é constituído por micaxistos.

18. Mancebos 1 (m=249.2.5; p=158.7.5).

Vestígios de habitat romano-medieval; localiza-se numa área plana, no limiar Sul da mancha de corneanas, sobre solos com capacidade para uso agrícola (classes B e C).

19. Mancebos 2 (m=249.9.0; p=158.6.0).

Provável *villa* romana, com grande abundância de vestígios atribuíveis a essa época, nomeadamente *terra sigillata*; os materiais dispersam-se por um esporão com uma área de cerca de 2 ha. Geologicamente, este sítio implanta-se ainda na faixa de xistos do complexo de S. Marcos do Campo, embora dominando os solos mais férteis das corneanas e granodioritos que se estendem para NE.

20. Carapetal (m=249.6.5; p=162.6.0).

Habitat pré-histórico definido em torno de um grande afloramento de granodioritos, com cerâmicas, sílex, percutores e seixos talhados de quartzito. Solos arenosos, actualmente ocupados por vinha.

21. Monte da Ribeira (m=248.7.5; p=163.5.0).

Vestígios de habitat pré-histórico, dispersos numa área plana, com afloramentos de granodioritos e com solos arenosos, típicos deste substracto rochoso.

22. Quinta do Carrilho (m=248.8.0; p=163.7.0).

Habitat romano-medieval, com abundantes vestígios constituídos por cerâmica comum e de construção. Localiza-se numa colina suave, com solos arenosos aptos para a agricultura e com um substracto geológico constituído por granodioritos.

23. Perdigões (m=251.2.0; p=163.8.0).

Povoado(s) pré-histórico(s) e possível *cromlech*. Ocupação do Neolítico final e do Calcolítico. Os menires dispersam-se na base de uma vertente que domina visualmente a planície de Reguengos. O povoado mais conhecido ocupa uma vasta área que inclui não só a base como a própria vertente até ao topo, formando uma espécie de hemiciclo. Os solos são arenosos e correspondem a um substracto de rochas granitóides.

24. Gorginos (m=254.9.0; p=160.1.0).

Povoado pré-histórico, atribuível ao Neolítico médio, localizado numa plataforma na margem esquerda da ribeira da Sardinha, afluente da ribeira do Álamo. Ocupa uma área inferior a 0.5 ha. Os materiais recolhidos constam de cerâmicas, sílex, percutores e grande abundância de seixos talhados de quartzito. O povoado estrutura-se junto a grandes afloramentos de granodioritos e os solos da área envolvente são arenosos e com capacidade de uso agrícola.

25. Monte do Vale (m=250.0.5; p=160.9.5).

Vestígios de habitat pré-histórico (cerâmicas, sílex e percutores). Trata-se de uma área plana, com importantes afloramentos de granodioritos. Os solos são arenosos (classes B e C).

26. Castelo (m=254.1.5; p=161.8.5).

Habitat romano-medieval e escassos materiais pré-históricos. Localiza-se numa elevação com vertentes acentuadamente declivosas (excepto do lado SW) e enquadra-se numa área de granodioritos, com solos predominantemente B e C. No local, afloram mineralizações de cobre

27. Areias 15 (m=255.6.0; p=159.9.0).

Povoado do Neolítico final ou mesmo já calcolítico, com abundantes e característicos materiais de superfície. Implanta-se em torno de um grande afloramento de granodiorito, numa área bastante aplanada, perto da margem direita da ribeira da Sardinha. Os solos são arenosos e apresentam uma boa aptidão para o uso agrícola.

28. Cebolinhos 6 (m=256.7.5; p=158.1.0).

Vestígios de habitat (percutores, seixos talhados e ponta de seta de sílex) numa pequena elevação em que afloram os granodioritos, junto ao actual Monte. Os solos na área envolvente são arenosos, característicos daquele tipo de substracto rochoso.

29. Areias 16 (m=256.2.0; p=160.4.0).

Vestígios de habitat romano-medieval, com cerâmicas comuns e de construção. Implanta-se numa área plana, salpicada de afloramentos de granodioritos; os solos são arenosos e apresentam uma capacidade de uso agrícola da classe C.

30. Menir dos Gorginos (m=254.1.5; p=159.8.5).

Monólito de granodiorito, tombado e fracturado, implantado numa área muito aplanada que domina o conjunto das antas e o povoado dos Gorginos. O declive, nesta área é inferior a 5 %. Os solos são arenosos, com boa aptidão agrícola e o substracto geológico é formado por granodioritos.

31. Menir das Vidigueiras (m=253.7.0; p=158.8.0).

Monólito tombado, localizado a escassas dezenas de metros da anta das Vidigueiras, mas sem ter obrigatória conexão com ela. Implanta-se numa área muito plana, de solos arenosos, resultantes da desagregação dos granodioritos. Os solos, na área envolvente, têm uma boa capacidade de uso agrícola (classes B e C).

32. Farisoa (recinto «megalítico»?) (m=253.4.0; p=157.5.0).

Trata-se de um recinto estruturado por blocos de granodiorito tombados desordenadamente, que tem sido controversamente interpretado como os restos de um *cromlech*. Localiza-se numa área muito plana, com muitos afloramentos de granodioritos e com solos arenosos e com aptidão para o uso agrícola (classes B e C). Poderá eventualmente tratar-se do *Kerb* de um monumento megalítico, mas todas as classificações são, actualmente, inconclusivas.

33. Cebolinhos 7 (m=256.5.0; p=157.5.0).

Necrópole de cistas do Bronze do Sudoeste, descoberta aquando de uma lavoura profunda. Foram recuperados vasos cerâmicos característicos deste tipo de monumentos funerários, nomeadamente uma taça tipo Atalaia (GONÇALVES e CALADO, 1990-91). A necrópole implanta-se na mancha de granodioritos, sobre solos da classe B.

Reguengos de Monsaraz/Lisboa, Inverno de 1989 (actualizado no Verão de 1992)

BIBLIOGRAFIA

GONÇALVES, José Pires (1970) - Menires de Monsaraz. *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 9, 2.

GONÇALVES, José Pires (1972) - Arte Rupestre de Monsaraz. *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris, 5, p. 489-502.

GONÇALVES, José Pires (1975) - *Roteiro de alguns megálitos da região de Évora*. Évora.

GONÇALVES, José Pires (1976) - Novos menires gravados no paraíso megalítico de Monsaraz. *In Actas do V Congreso de Estudios Extremeños*. Badajoz.

GONÇALVES, Victor S. (1988/89) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz), *Portugália* (Nova Série), Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 9-10, p. 47-60.

GONÇALVES, Victor S. (1990/91) - TESP3: O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz). *Portugália* (Nova Série). Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, 11-12.

GONÇALVES, Victor S. (1991) - Sítios, «Horizontes» e Artefactos: 2. algumas breves considerações sobre as chamadas *taças carenadas* e a primeira metade do 3º milénio em Portugal, *Arquivo de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal, 10.

GONÇALVES, Victor S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.

GONÇALVES, Victor S., e CALADO, Manuel (1990/91) - A necrópole da Idade do Bronze do Monte dos Cebolinhos (S. Pedro do Corval, Reguengos de Monsaraz). Notícia da sua identificação. *Portugália*. Nova Série. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 11-12.

KALB, Philine (1981) - Zur relativen chronologie portugiesischer megalithgraber. *Madriider Mitteilungen*. Mainz, Verlag Philipp von Zabern, 22, p. 55-77.

LEISNER, Georg e Vera (1951), reeditado em 1985, - *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: IAC (UNIARQ/INIC)

PINA, Henrique Leonor (1961) - A Anta da Herdade do Duque. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 71, p. 13-26.

PINA, Henrique Leonor (1962) - A Anta [2] da Azinheira (Reguengos de

Monsaraz). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 25-46.

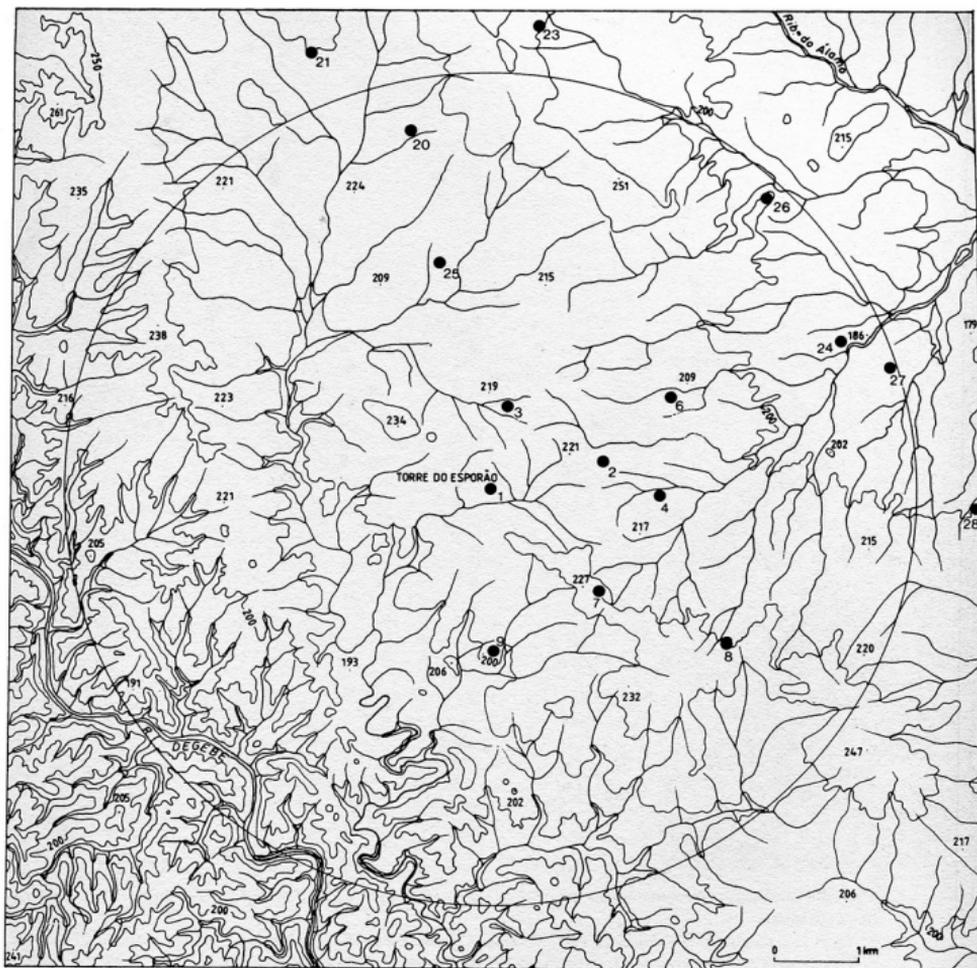
PINA, Henrique Leonor (1971) - Novos monumentos megalíticos do Distrito de Évora. *In Actas do II CNAP*. Coimbra, p. 151-162. Vol. 1.

PINA, Henrique Leonor (1976) - Cromlechs und Menhire bei Évora in Portugal. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg: F. H. Kerle Verlag, 17, p. 9-20.



Mapa 1: Distribuição dos sítios referidos no texto.

1. Torre do Esporão (TORRE DO ESPORÃO, TESP1, TESP2, TESP3); 2. Monte Arriba; 3. Vale Castelo; 4. Monte Novo 1; 5. Monte Novo 2; 6. Monte Novo 3; 7. Monte do Esporão; 8. Horta do Palha; 9. Monte da Rusga 1; 10. Cabanas do Esporão; 11. Monte da Rusga 2; 12. Cabanas do Esporão 2; 13. Monte da Rusga 3; 14. Cabanas do Esporão 3; 15. Monte da Rusga 4; 16. Lobato; 17. Castelo Velho do Degebe; 18. Mancebos 1; 19. Mancebos 2; 20. Carapetal; 21. Monte da Ribeira; 22. Quinta do Carrilho; 23. Perdigoães; 24. Gorginos; 25. Monte do Vale; 26. Castelo; 27. Areias 15; 28. Cebolinhos 6; 29. Areias 16; 30. Menir dos Gorginos; 31. Menir das Vidigueiras; 32. Farsoa (recinto "megalítico"?); 33. Cebolinhos 7.



Mapa 2: Distribuição do povoamento pré-histórico muito provavelmente conectado com o megalitismo (Neolítico médio e final e Calcolítico).

1: Torre do Esporão; 2: Monte Arriba; 3: Vale Castelo; 4: Monte Novo 1; 6: Monte Novo 3; 7: Monte do Esporão; 8: Horta do Palha; 9: Monte da Rusga 1; 20: Carapetal; 21: Monte da Ribeira; 23: Perdígões; 24: Gorginos; 26: Castelo; 27: Areias 15; 28: Cebolinhos 6.



Mapa 3. Distribuição dos monumentos megalíticos referenciados por LEISNER e LEISNER, 1951 (relocalizados).

1: Viseu 1; 2: Carapetal 1; 3: Peroliva 1 ; 4: Mancebos 3; 5: Mancebos 2; 6: Mancebos 1; 7: Esporão 1; 8: Vale Castelo 1; 9: Lameira 1; 10: Alenqueres 1; 11: Gorginos 1; 12: Gorginos 4; 13: Gorginos 2; 14: Areias 14; 15: Areias 7; 16: Areias 5; 17: Areias 4; 18: Areias 11; 19: Areias 8; 20: Areias 9; 21: Areias 13; 22: Areias 4; 23: Areias 10; 24: Areias 12; 25: Cebolinhos 1; 26: Cebolinhos 5; 27: Cebolinhos 4; 28: Gorginos 5; 29: Gorginos 3; 30: Monte Novo 3; 31: Monte Novo 1; 32: Monte Novo 2; 33: Farisoa 6; 34: Farisoa 5; 35: Farisoa 4; 36: Farisoa 2; 37,38: Farisoa 1 e 1b (tholos); 39: Farisoa 3; 40: Monte Novo 4; 41: Farisoa 7; 42: Courela da Cumeada 2; 43: Courela da Cumeada 1; 44: Falcoeiras; 45: Vidigueiras 1; 46: Vidigueiras 2.



Mapa 4: Monumentos e sítios da II Idade do Ferro, romanos e medievais.

1: Torre do Esporão; 5: Monte Novo 2; 9: Monte da Rusga 1; 10: Cabanas do Esporão 1; 11: Monte da Rusga 2; 12: Cabanas do Esporão 2; 13: Monte da Rusga 3; 14: Cabanas do Esporão 3; 15: Monte da Rusga 4; 16: Lobato; 17: Castelo Velho do Degebe (ocupação da II Idade do Ferro); 18: Mancebos 1; 19: Mancebos 2; 22: Quinta do Carrilho; 26: Castelo; 29: Areias 16.

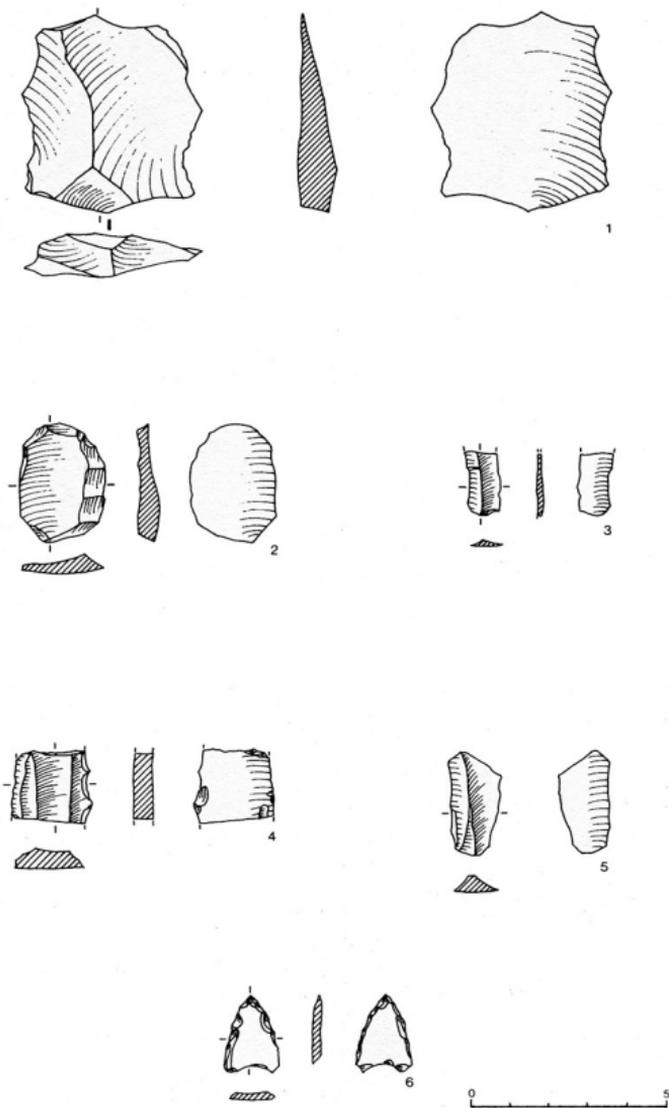


Fig. 1: Artefactos de pedra lascada. 1: Areias 15; 2, 3: Vale Castelo; 4-6: Monte Novo 1.

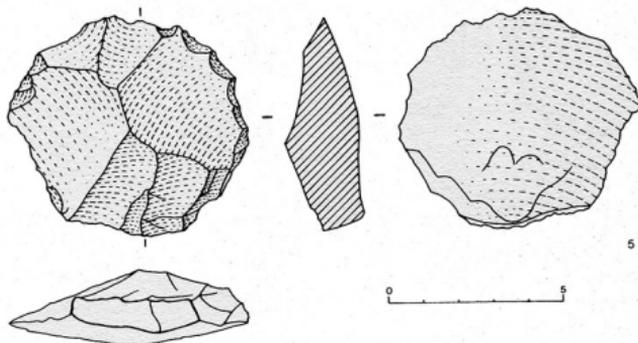
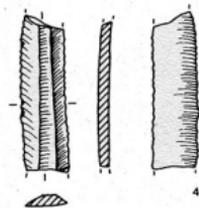
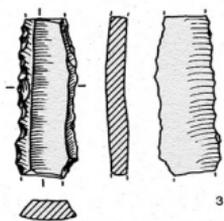
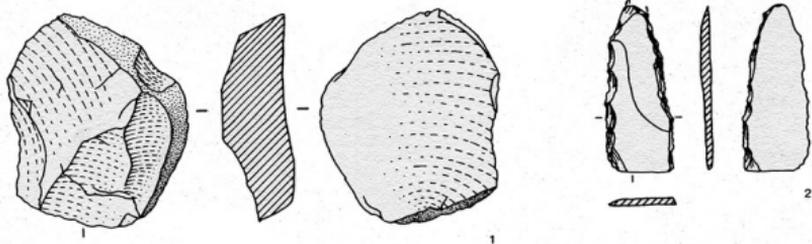


Fig. 2: Areias 15: artefactos de pedra lascada.



Fig. 3: Artefactos de pedra polida recolhidos no Monte do Esporão (1), Gorginos 6 (2), Areias 15 (3) e Monte Novo 1 (4). Martelo ou percutor proveniente de Areias 15 (5).

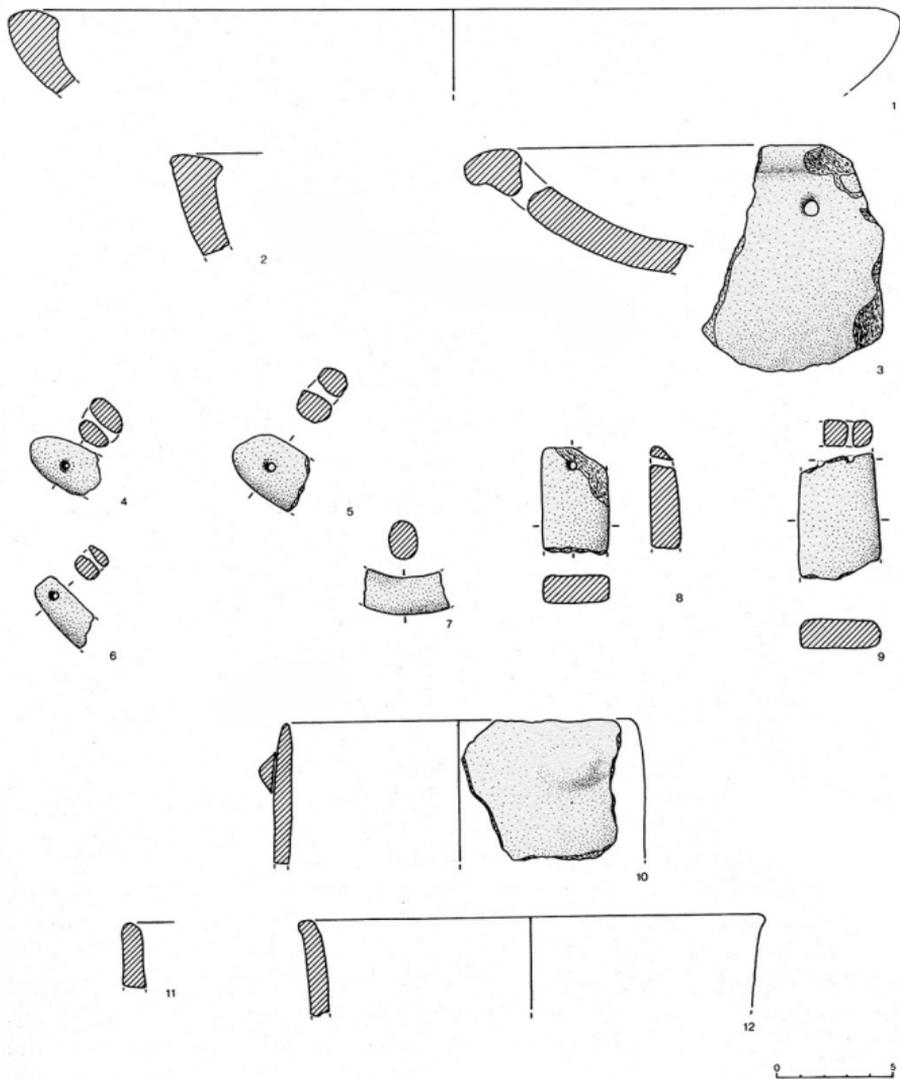


Fig. 4: Cerâmicas recolhidas em Monte Novo 1 (1, 2), Areias 15 (3-9) e Vale Castelo (10-12).

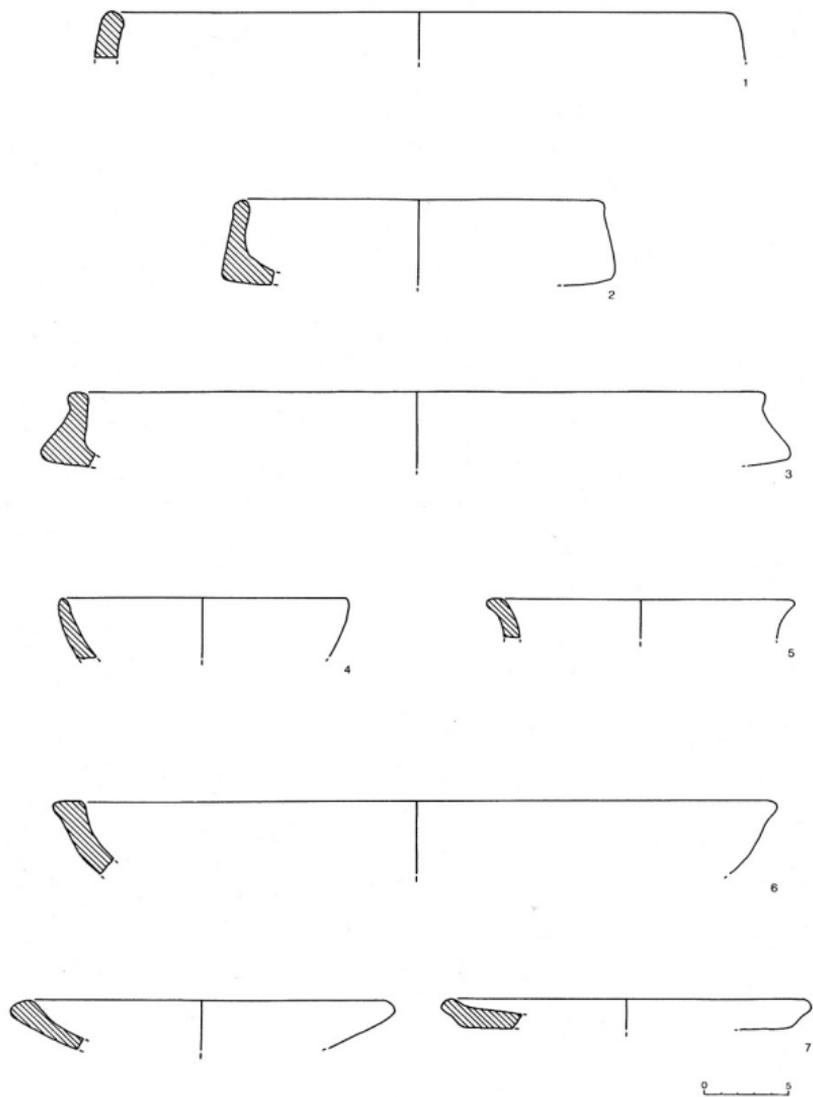


Fig. 5: Cerâmicas recolhidas em Areias 15.